ELEIÇÕES NOS EUA

O fator Obama

O primeiro presidente negro e um dos mais populares da história americana empresta sua imagem e sua retórica à campanha da oposição democrata. Objetivo é reconquistar a maioria no Congresso e complicar a vida de Donald Trump

» RODRIGO CRAVEIRO

Barack Obama, 65 anos, saiu pela porta da Casa Branca há quase 10 anos, acompanhado da esposa, Michelle, e das filhas, Sasha e Malia. Ainda hoje, o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos é aclamado pelos democratas como exemplo de liderança e carisma. Tanto que o partido de oposição ao republicano Donald Trump aposta suas fichas na figura e na retórica de Obama para retomar o controle do Congresso. Na terça-feira, os americanos renovarão 35 assentos do Senado e 235 cadeiras da Câmara dos Representantes.

"Esta eleição é nossa última e melhor chance de, ao menos, conter parte da insensatez desta administração", afirmou Obama, durante discurso no estado da Geórgia, na última quarta-feira. "Precisamos de uma liderança de verdade, com planos concretos para reduzir custos, tornar a assistência à saúde e a moradia mais acessíveis, e manter as contas de serviços públicos sob controle."

A multidão reagiu aos gritos de "Yes, we can!" ("Sim, nós podemos!"), resgatando o mote da campanha do democrata, em 2008. "São tempos complicados", afirmou Obama, ao criticar líderes políticos que "gostam de insultar e dividir, em vez de unir as pessoas para resolver problemas". Nos último dias, ele marcou presença em três comícios, em diferentes estados: além da Geórgia, em Ohio e em Michigan — os dois últimos em 24 de outubro passado.

Larry J. Sabato, fundador e diretor do Departamento de Ciência Política da Universidade da Virgínia, explicou ao **Correio** que "é uma norma e uma tradição" o envolvimento de ex-presidentes populares em campanhas para candidatos de seu partido nas eleições de meio de mandato. "Não há nada incomum aqui. Obama consegue entusiasmar uma multidão, mas é preciso lembrar que ele fracassou redondamente ao tentar salvar os democratas nas eleições de meio de mandato de 2010 e 2014, além de não ter conseguido eleger Hillary Clinton em 2016. O tamanho das multidões não diz muita coisa, e ele está fora do cargo há uma década", afirmou.

De acordo com Sabato, os eleitores negros estão atentos à abordagem de Barack Obama, assim como os latinos e os jovens. "Vale ressaltar que isso não é o mesmo que converter o interesse em votos. No momento, Donald Trump é o maior gerador de votos para o Partido Democrata", ironizou. "A presença de Obama nos comícios atrai a atenção da mídia. Sejamos honestos: os democratas não podem usar Joe Biden. Ele é muito mais velho e bem impopular."

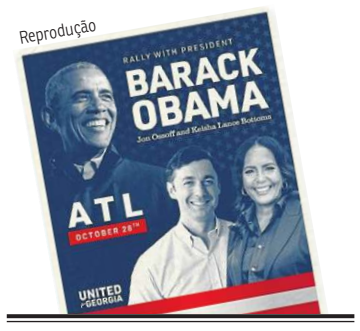
Codiretora do Programa de História Oral Presidencial e professora de estudos presidenciais da mesma universidade, Barbara A. Perry assegurou ao **Correio** que, se existe alguém capaz de atrair eleitores e seus votos aos candidatos democratas, essa pessoa é Obama. "Ele possui a lógica, o carisma, o conhecimento, o magnetismo e a sagacidade necessários para entusiasmar uma multidão presencialmente e inflamar o público que o acompanha pela mídia, independentemente da idade", destacou.

Erik S. Lesser/AFP



Obama cumprimenta simpatizantes em Morrow, no estado da Geórgia, onde apoia o senador Jon Ossoff

Reprodução







Eu acho...

Fotos: Arquivo pessoal



"O casal Barack e Michelle Obama representa um tempo de 'esperança e mudança' para os progressistas, uma era pré-Trump em que os democratas pareciam ser a onda do futuro. Isso provou não ser verdadeiro, mas a nostalgia é um poderoso elixir."

Larry J. Sabato, fundador e diretor do Departamento de Ciência Política da Universidade da Virgína

Influência

A especialista acredita que a influência de Obama sobre os eleitores democratas ainda é "considerável". "Quando o eleitorado está irritado com os preços elevados dos alimentos e bens de consumo, com a guerra de escolha no Irã e com a corrupção — tudo isso decorrente das ações de Trump —, Obama pode enfatizar esses temas e associá-los ao atual presidente", comentou Perry, autora de livros sobre as presidências de George W. Bush e de Bill Clinton. Segundo ela, Barack Obama é o democrata mais popular dos Estados Unidos. "Nenhuma outra liderança democrata no Congresso, nenhum governador e nenhum presidenciável ascendeu ao nível de sucesso e de realizações de Barack Obama à frente da Casa Branca", disse.

Para o historiador político Allan Lichtman, Barack Obama é a principal liderança do Partido Democrata, especialmente ante as limitações de saúde do também ex-presidente Joe Biden. "Obama é amplamente considerado como um chefe de Estado bem-sucedido. Ele é o melhor orador entre os democratas — e, possivelmente, em todo o espectro político. Não havia ninguém melhor do que Obama para inspirar os fiéis do Partido Democrata", admitiu Lichtman ao **Correio**.

FRANÇA

Multidões e violência nas ruas

A convocação de 70 mil policiais não impediu que repetissem ontem conflitos com parte dos manifestantes que voltaram às ruas de Paris e das principais cidades da França contra a alta do custo de vida. No terceiro sábado consecutivo de protestos, sindicatos e uniões estudantis mobilizaram mais de 500 mil participantes, pelos organizadores, ou 320 mil, segundo a polícia.

Embora as manifestações tenham sido em grande medida pacíficas, houve confrontos em várias cidades. Na capital, grupos extremistas atacaram os policiais com coquetéis molotov. O ministro do Interior, Laurent Nuñez, acusou "a extrema esquerda" pela violência e classificou como "tentativa de assassinato" o lançamento de uma bomba incendiária que deixou um policial "levemente ferido".

A seis meses da eleição presidencial, os candidatos Marine Le Pen (Reagrupamento Nacional, extrema direita) e Bruno Retailleau (Os Republicanos, direita), fizeram coro contra "a ultraesquerda" e reafirmaram o chamado ao governo para que "restabeleça a ordem". Jean-Luc Mélenchon, líder da França Insubmissa (esquerda radical) e também pretendente à sucessão de Emmanuel Macron, acusou o governo de promover uma "deriva autoritária".

Desde o início da onda de protestos, que entra pela quinta semana, toques de recolher foram decretados em algumas áreas de Paris nas noites de sábado e domingo, medida adotada também em várias cidades francesas. Na capital, dezenas de estações de metrô foram fechadas e muitos comerciantes protegeram as vitrines com painéis de madeira.

Sameer Al-Doumy/AFP



Policiais enfrentam coquetéis molotov, em Paris: protesto incessante



Paulo Delgado

contato@paulodelgado.com.br

O ALGORITMO É INGOVERNÁVEL

Nos últimos dias de outubro, os contratos futuros das bolsas americanas caíram fortemente após balanços financeiros decepcionantes das gigantes de tecnologia. A venda de ações ligadas à inteligência artificial (IA) disparou, levando os preços para baixo. Procurando abrigo, investidores compraram ainda mais títulos da dívida pública estadunidense e de outros países. Cresce a dúvida sobre o retorno dos gastos monumentais com IA, enquanto a promessa de produtividade desses negócios começa a receber o escrutínio que toda moda financeira deveria conhecer.

Michael Froman, presidente do Council on Foreign Relations, vê nos receios e na resistência à IA ecos das controvérsias da globalização. Prometer prosperidade agregada não convenceu quem perdeu emprego e renda entre os anos 1980 e os anos 2000, quando a globalização chegou ao pico comercial. Dos anos 2010 para cá existe a ressaca da globalização e nesses anos 2020 teve início a onda da IA.

Em 2004, Jagdish Bhagwati ironizava a trajetória contraditória da globalização: por um lado, uma "buzzword", ou "palavra da moda", celebrada em Davos, enquanto, por outro lado, era achincalhada por seus adversários. Defensor da integração econômica, criticava paixões que dispensavam explicações. IA, a moda monetizável do momento, é outra "buzzword". Cabe perguntar quem ganha, quem paga, quem decide e quais regulações são necessárias para o bem social.

A internet é a tecnologia de propósito geral que define nossa era, desde os anos 1980. Possibilita tanto a globalização quanto a IA. Sua infraestrutura conecta um conjunto de transformações: mídias digitais e redes sociais, IA, internet das coisas e digitalização associada à robótica. Não são sinônimos, mas nasceram uns dos outros. Combinados, alteram a produção e a circulação de informação, mercadorias e poder. O Brasil entrega parcelas crescentes da vida econômica e política a plataformas estrangeiras, como Instagram, Facebook e WhatsApp, da Meta. Em 2025, 81% dos usuários brasileiros de internet usavam redes sociais. A dependência fica especialmente visível nas eleições.

O barulho digital veio para ficar. O negócio das redes não é propriamente a desinformação, mas a atenção, de preferência sem reflexão crítica. Afeto e desprezo são comercialmente explorados. Dados entregues pelos usuários alimentam sistemas que selecionam produtos e ideias antes mesmo de uma procura consciente. Num mundo de GPS, quem não tem bússola própria é presa fácil de micro e macroenganações. A IA barateia a fabricação de mensagens e personagens, multiplicando a capacidade de indução.

A ONU não consegue se livrar da natureza essencialmente política que lhe deu origem. Seus instrumentos de proteção de direitos dependem, em grande medida, da atuação dos Estados. A Declaração Universal não instalou um governo mundial.

Existem decisões internacionais a princípio obrigatórias, mas a distância entre compromisso e execução permanece. A internet fez o cidadão nacional imaginar ser cidadão do mundo, sem lhe assegurar proteção equivalente. Paul Krugman, hoje o decano dos estudiosos de economia internacional, enumera uma longa lista de inquietações com a IA: prejuízos aos trabalhadores, concentração oligárquica, investimentos em centros de dados comprimindo outros investimentos, risco de bolha financeira e ataques cibernéticos com consequências que vão do pequeno ao infinito.

Há tarefas que a IA pode facilitar e ocupações que pode desorganizar. Para a OIT, a IA generativa tende a transformar empregos mais que os substituir integralmente. A escolha empresarial entre ampliar o trabalho humano e eliminá-lo responde a incentivos públicos, legislação e negociação coletiva.

No Brasil e em qualquer lugar, recursos escassos têm usos alternativos. Energia, água, crédito e incentivos fiscais destinados a centros de dados deixam de atender outras finalidades ou exigem expansão custosa da oferta. Só vale a pena mesmo levando em consideração o custo de oportunidade.

O grande tema dos próximos anos é como termos e mantermos soberania popular na era digital. É tema com implicações ao mesmo tempo econômicas e para a democracia. A pesquisa científica sobre o assunto acumula conhecimento há anos, com respostas à altura para os desafios.

Essa soberania requer capacidade de regulação estatal, agentes nacionais de vários portes, fiscalização das plataformas, aplicação efetiva das exigências de transparência e controle legal sobre decisões automatizadas. O algoritmo parece ingovernável quando seus proprietários e associados governam sem sujeição aos controles democráticos.

PAULO DELGADO, *Sociólogo.*
contato@paulodelgado.com.br